

“Sarney sempre
incentivou a
grilagem” (Freitas
Diniz)



Venderam-se mais de
5 mil títulos
equivalentes a 600
mil ha

Sarney incentivou latifúndios no Maranhão

■ Na primeira gestão como governador biônico, indicado pela ditadura, ele baixou lei que beneficiou pessoas ligadas ao poder

SANTA LUZIA, MA — O estado do Maranhão possui uma das maiores concentrações de latifúndios do país. Há grupos econômicos que detêm a propriedade ou o direito de exploração de fazendas com até 72 mil hectares. O ex-deputado Domingos Freitas Diniz, um dos mais ácidos críticos do ex-presidente José Sarney, afirma que quando ele tomou posse, nomeado pelo governo militar, o estado tinha dois terços de sua área como terras devolutas: não pertenciam nem a particulares, nem estavam demarcadas e tituladas pelo estado. “Hoje praticamente não há terras fora do patrimônio de grandes fazendeiros e grupos econômicos, e a culpa é de Sarney, que sempre incentivou a grilagem”, diz Freitas Diniz.

A argumentação do ex-deputado — que por ter criticado Sarney foi processado por ele nos anos 70 e depois não conseguiu se reeleger — foi referendada em 1979 pela Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Fundiário, instalada pelo PMDB e pela Arena, em pleno regime militar, para analisar os enormes conflitos de terras que já existiam no país. O relatório final da CPI conclui que a primeira política agrária do Maranhão foi bem intencionada. Em 1959, o governador Mattos Carvalho assinou a Lei 1.807. O Artigo 20 dizia: “Para a venda de terras devolutas, por deliberação do governo, tendo em vista a planificação da Secretaria de Agricultura, é exigida concorrência pública, com ampla publicidade”.

Revogação — Em 17 de julho de 1969, na fase final de seu governo, Sarney revogou a lei antiga, baixando uma nova que dizia: “As terras do estado que não tiverem destinação especial poderão ser alienadas ou concedidas em caráter oneroso mediante requerimento do interessado ou oferecimento em concorrência ou hasta pública”.

O relatório final da CPI do Sistema Fundiário descobriu que não havia dados que comprovassem a ocorrência de terras oferecidas em hasta pública, embora existissem milhares de títulos entregues a “interessados”, geralmente pessoas ligadas ao poder. “O que se constata, conforme documentação encaminhada a esta CPI, é a transferência ou venda de mais de 5 mil títulos de propriedade, num total que excede a 600 mil hectares, obedecendo à sistemática da discriminação administrativa prevista no mencionado dispositivo legal”. A política de terras criada por Sarney foi revogada quase 12 anos depois pelo governador Luís Rocha, voltando a exigência de ampla publicidade. “Aí já era tarde”, afirma Freitas Diniz. “Todas as terras boas do Maranhão já estavam em poder dos interessados”.

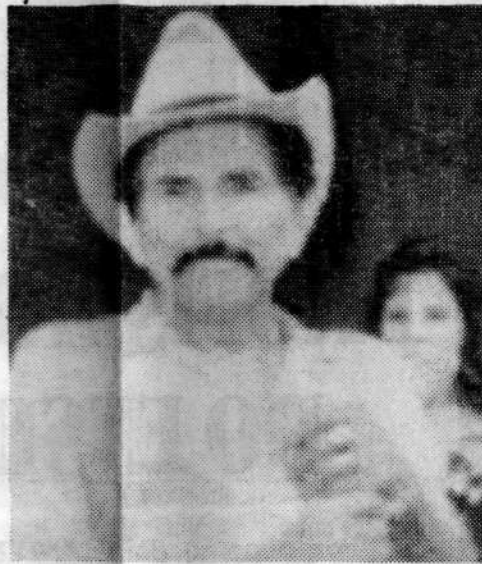
VICENTE SOUZA LIMA

“Precisou ele me perseguir para eu aprender”

“Sarney foi meu professor. Meu pai me deu muita palmada e puxavante de orelha para eu acertar na vida, mas precisou o senador me perseguir, mandar me prender, para eu aprender a não ter medo de polícia nem de Justiça”, afirma Vicente Hermínio de Souza Lima, que no pico dos conflitos com Sarney chegou a ser preso ilegalmente pelo delegado Luís Moura, uma espécie de delegado Fleury a serviço dos grandes fazendeiros. “Ele só falava em me matar. Dizia para os outros policiais: ‘Esse nós vamos fritar agora, quem mandou ele bulir com gente grande?’”

Luís Moura atualmente está preso, com a mulher e dois filhos, os quatro condenados pelo assassinado do prefeito de Lago da Pedra, há dois anos. Vicente escapou, ganhou fama de homem com *corpo fechado* e hoje tem vida sossegada: sua maior preocupação é cuidar dos 120 hectares que sobraram para ele e quatro de seus 9 filhos depois que Sarney largou os sonhos de ser fazendeiro e as terras foram divididas entre os posseiros, alguns na região desde 1952.

Vicente chegou ao povoado em 1966, de Nova Russas, Ceará, com a mulher e três filhos. Não tinha experiência sindical, mas os constantes conflitos com a família de José Ribeiro Salomão, o primeiro grileiro, e depois com o senador José Sarney, o empurraram para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia. Durante o tempo em que foi do Conselho Fiscal, diz que viu a morte de dois diretores da entidade, a mando de fazendeiros: “Mataram os dois em menos de 20 dias. Matavam e deixavam na rua para exemplo. Tinha época em que um galpão em frente ao sindicato virava hotel de pistoleiro”.



Santa Luzia, AM — Alaor Filho

Rijo em seus 67 anos, Vicente conta que assumiu a liderança dos posseiros da Maguary em 72, muito antes de Sarney aparecer dizendo que as terras eram dele. Os lavradores assinaram um acordo: “Ele nunca cumpriu. Os tratores que mandou estragavam as plantações, o gado destroçava os roçados.” Sarney tinha razão num ponto: a briga deixou de ser disputa de terras para se tornar questão política quando os agricultores foram procurados por Fernando Bastos, assessor do governador Nunes Freire.

“Foi em 1977. A gente decidiu que era hora de botar fora nossa força. Reuni 60 posseiros e passamos um noite inteira derrubando os mourões e os arames que ele espalhou. Derrubamos 13 quilômetros de cerca e matamos 20 cabeças de gado. Naquele tempo a gente era besta e nem comia o gado, só matava.”

A última notícia que Vicente diz ter de Sarney, relacionada com os conflitos na Maguary, foi em 1987, quando o então governador Eptácio Cafeteira começou a entregar títulos de assentamento às 120 famílias do lugar: “Zé Sarney tinha feito as pazes com Cafeteira e até estava apoiando a distribuição das terras. Mas aí ele já era presidente da República e estava com a corda no pescoço.”